

O CONJUNTO OPERÁRIO DA VILA BELGA EM SANTA MARIA (RS)

Ricardo Rocha

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Ex-Presidente do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural de Santa Maria
rdsr8@hotmail.com

Resumo

O artigo analisa o conjunto operário da Vila Belga, situado em Santa Maria (RS) e projetado no início do século XX pelo engenheiro belga Gustave Vauthier para os funcionários da *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*. Trata-se de conjunto tombado municipal e estadualmente, como parte do sítio ferroviário da cidade, e que apresenta características singulares que o diferenciam da maioria das obras de seu tipo.

Palavras-chave: Vilas ferroviárias; patrimônio industrial; Brasil

A Vila Belga em Santa Maria (RS)

Santa Maria localiza-se no centro geográfico do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, o mais ao sul do país. No final do século XIX, a cidade conheceu certo desenvolvimento em função de sua posição estratégica enquanto entroncamento ferroviário, chegando a sediar a diretoria da *Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil*, empresa belga que em 1898 arrendou a rede ferroviária gaúcha. Com a diminuição da atividade ferroviária – o tráfego de passageiros foi extinto no início da década de 1980 – a região ao redor da estação férrea entrou em decadência, processo que só começou a ser revertido nos últimos anos, com alguns projetos públicos para o local, algumas iniciativas privadas pontuais e o tombamento do sítio ferroviário, que inclui a Vila Belga, no ano 2000.

A Vila Belga constitui um conjunto de edificações construídas pela *Compagnie Auxiliaire* para seus funcionários. Sua denominação faz referência à nacionalidade da empresa e de seus primeiros moradores. Localizada próxima à *Gare da Viação Férrea* de Santa Maria, às unidades residenciais somam-se ainda a sede da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (CEVFRGS), seu clube e cinco armazéns. O conjunto foi projetado pelo engenheiro Gustave Vauthier, também de nacionalidade belga, possivelmente entre 1905-1909. Trata-se, portanto, de iniciativa relativamente pioneira no Rio Grande do Sul¹.

¹ Que o autor tenha conhecimento, a primeira vila operária construída no estado foi a Vila Rheingantz (1884-1885), para os funcionários da fábrica de tecidos de Carlos Rheingantz.

As unidades residenciais da Vila Belga, em número de oitenta, constituem-se em edificações térreas (algumas possuem porão), geminadas duas a duas e construídas sem afastamento frontal, embora possuam recuos laterais e quintais ao fundo. O conjunto se destaca pela variedade de tipos e tamanhos das unidades habitacionais, do posicionamento de suas aberturas (portas, janelas, etc) e de sua modenatura.

No processo de tombamento foram identificados cinco tipos: tipo 1 – edificação geminada com acesso pela fachada lateral e quatro janelas de guilhotina (duas por unidade) na fachada principal; tipo 2 – edificação geminada com quatro janelas de guilhotina (duas por unidade) separadas por duas portas lado a lado na fachada principal; tipo 3 – edificação geminada com acesso pelos fundos e quatro janelas de guilhotina na fachada principal; tipo 4 – edificação geminada com acesso e seis janelas de guilhotina na fachada principal (três por unidade); tipo 5 – edificação geminada com acesso, quatro janelas de guilhotina (duas por unidade) e portas afastadas uma da outra na fachada principal.



Figura 1: unidade residencial na Vila Belga. Foto do autor.

Em um levantamento de 1920, não obstante, aparecem nove tipos com três variações. Em um primeiro momento, imaginou-se que a diferença devia-se a tipos que não foram construídos ou desapareceram. Entretanto, comparando o levantamento com uma reconstituição aerofotogramétrica dos anos 90, chegou-se a conclusão que, dos quatro tipos apontados como inexistentes, um foi demolido ou realmente não foi construído, um foi completamente descaracterizado e os outros dois constituem disposições diferentes em planta que apresentam a mesma elevação.

Além dessa variação de tipos (em planta e volumetria) e do número e posição diferente das aberturas, a modenatura – o conjunto das molduras e da ornamentação – não se repete em nenhuma edificação geminada. Assim, são quarenta tipos diferentes, conferindo individualidade e variedade às habitações, apesar da unidade do conjunto.



Figura 2: unidade residencial na Vila Belga. Foto do autor.

Louis Cloquet e seu *Traité d'Architecture*

O arquiteto e engenheiro de pontes e estradas Louis Cloquet (1849-1920), para além de seu trabalho como arquiteto municipal na Bélgica, foi ainda professor na Universidade de Gante, na Escola de São Lucas – onde teve papel destacado no final do século XIX – e no Instituto de Belas Artes da Antuérpia. Cloquet teve uma produção

teórica significativa² que, em São Paulo, repercutiu principalmente através do seu *Traité d'Architecture*, empregado como livro texto no curso de engenharia e arquitetura da Escola Politécnica³.

O “Tratado de Arquitetura” de Cloquet está dividido em cinco volumes. O primeiro e o segundo tratam dos *elementos de arquitetura*: muros, abóbodas e arcadas (Tomo I); portas, janelas, chaminés, carpintaria, marcenaria, pisos, escadas, telhados e coberturas (Tomo II). O terceiro volume ou Tomo III é dedicado ao estudo da higiene, do aquecimento e da ventilação. O quarto aborda os tipos de edifícios: habitações privadas e coletivas; entrepostos, mercados e matadouros; bolsas e bancos; escolas, bibliotecas e museus; prefeituras; administrações municipais e parlamentos; tribunais e prisões; hospitais e hospícios; estações ferroviárias, correios; teatros, panoramas, cassinos, circos, cavalariças; banhos e lavanderias; tumbas e cemitérios. O quinto volume cuida da estética, composição e prática da arquitetura.

Para Maria C. de Carvalho (1999, p. 125-131):

Cloquet inicia sua obra justificando a razão do estudo dos ‘elementos’ da arquitetura e a abordagem construtiva que dá ao tema [...] depois expõe historicamente as origens das formas arquitetônicas e seu desenvolvimento. [...] Na sua opinião, muito foi escrito sobre a ‘história da arquitetura’ mas pouco sobre a ‘composição arquitetônica’, havendo a necessidade de se projetar, ou seja, de ‘compor’ a partir do conhecimento das regras construtivas.

Desse modo, ainda segundo a autora:

[...] após ter apresentado a necessidade de se estudar os princípios dos diferentes métodos construtivos, Cloquet irá observar que, uma vez de posse da chave do entendimento dos métodos existentes poder-se-á apreciar esteticamente as formas arquitetônicas. Daí ser preciso criar uma ‘classificação das formas plásticas e lineares. [...] Ela nos permitirá raciocinar sobre categorias das formas bem definidas e de nelas aplicar as regras estéticas [...]. Nós entendemos por formas as combinações de linhas e de superfícies que compõem,

² Pode-se destacar, dentre esta, para além do *Traité d'Architecture*, seu *Traité de Perspective Pittoresque*, várias biografias de professores da Universidade de Gante e *Les Maisons Anciennes em Belgique* (CARVALHO, 1999).

³ Através dos vínculos entre Ramos de Azevedo e a Bélgica, em função de seus estudos na Universidade de Gante e na Academia de Belas Artes da mesma cidade (CARVALHO, 1999).

arranjam e determinam o aspecto dos edifícios e de suas partes. [...] A forma geral de um edifício deve nascer de sua destinação e de seus arranjos interiores, derivar diretamente dos dados do programa: esta é uma forma de *convenance* primordial. Deste modo, não podemos pretender estabelecer a priori as leis que regem as formas do conjunto de edifícios, abstração feita de sua destinação. Entretanto, nada nos impede de passar em revista os diferentes tipos a que deram lugar diferentes programas’.

No presente estudo, o interesse recai, sobretudo, no Tomo IV – *Types d’Édifices*, especificamente no quarto parágrafo – *Maisons Ouvrières* – do primeiro capítulo – *Locaux d’Habitation*.

O *Traité* e a Vila Belga

Dada sua formação e nacionalidade, Vauthier provavelmente conhecia o tratado de Cloquet. Um exemplar da primeira edição do mesmo, inclusive, fazia parte da biblioteca da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Este exemplar foi doado à Biblioteca Setorial do Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Santa Maria.

Na parte do tratado dedicada à habitação operária encontram-se: desde um breve histórico sobre o tema e a análise dos problemas de salubridade (água e esgoto); passando por considerações sobre a localização, orientação, ventilação, iluminação e umidade das habitações; sobre o programa, áreas e disposição das peças; com a descrição de uma série de tipos de unidades e das possibilidades de sua reunião em conjuntos; de recomendações sobre o isolamento das moradias, sua diversidade e identidade; para a reserva de áreas para equipamentos coletivos e a vantagem das ruas largas; até discussões sobre a necessidade do trabalhador passar de locatário à proprietário da habitação, da questão da segregação dos bairros pobres, do mecanismo da desapropriação; e, finalmente, tecendo algumas considerações sobre os custos das construções (CLOQUET, 1900, p. 90-132).

Diante de uma abordagem tão vasta – e em uma aproximação ao tema, que é tão somente o objetivo deste trabalho – optou-se aqui por se concentrar nas questões levantadas por Cloquet que sugerem relações claras com algumas características da

Vila Belga. São elas: a discussão sobre a localização das vilas operárias; sobre os tipos de unidades e suas possibilidades de reunião em conjuntos; e sobre a necessidade de diversidade, identidade e isolamento das unidades.

Cloquet (1900, p. 95) lembra o fato de que quando os conjuntos operários são situados longe da aglomeração urbana, os trabalhadores “se sentem mais expostos à exploração dos patrões, inspirando-lhes certo rancor da sociedade; e ficando ainda menos acessíveis à assistência e à visita da caridade privada”. O autor também levanta o problema da segregação gerar guetos hostis à sociedade, contrapondo à segregação a ideia de que a localização das habitações operárias em

[...] ruas que se ligam às artérias importantes permitem à sua população viver lado a lado com a burguesia das grandes avenidas, compartilhando as mesmas manifestações de vida pública, encontrando-as no comércio ou, até mesmo, na intimidade dos lares dos mais abastados (CLOQUET, 1900, p 98).

Apesar disto, via com circunspeção o embelezamento das cidades realizado através das demolições das vielas e becos para a construção de largas avenidas. E, ao condenar as ruelas insalubres, propunha em seu lugar ruas com um mínimo de dez metros entre linhas de edificações ou com a largura correspondendo à altura da edificação mais elevada, como forma de garantir a insolação e a ventilação.

A Vila Belga, por sua vez, com ruas relativamente largas (entre 12 e 14 metros), embora próxima à Estação Férrea de Santa Maria, possui ótima localização, estando a apenas um quilômetro do centro da cidade e a poucos metros da Avenida Rio Branco que, após a construção da Estação, tornou-se uma das principais, senão a principal, via da cidade, servindo de cartão postal e concentrando – até o desmantelamento do sistema ferroviário de transporte de passageiros – grande parte do comércio, residências importantes, hotéis, etc. Ao optar por tal localização a intenção parece ser muito mais de integração do que de segregação.

Dentre a diversidade de tipos discutidos por Cloquet – edifícios mistos (residência e comércio); casas isoladas; unidades agrupadas (duas a duas, etc.); em fita ou alinhadas ao longo de rua interna; *workhouses* – interessam aqui as moradias agrupadas duas a duas que o arquiteto denomina *accolées*.

Para Cloquet (1900, p. 105), nas habitações *adossées* (com “rua” interna), a separação das unidades é completa, mas a disposição dos quintais é mais difícil, com a entrada da unidade ao fundo sendo menos acessível – por isso o arquiteto recomendará não utilizar a solução para habitações em fita, pois isto “impede o ar de atravessar”. Por outro lado, nas habitações *accolées* (lado a lado, sem “rua” interna), as unidades são mais acessíveis e os quintais podem ser localizados nos fundos.

Como dito antes, a Vila Belga compõe-se de oitenta unidades residenciais agrupadas duas a duas, edificadas junto à calçada, com quintais nos fundos e pequenos afastamentos laterais entre as edificações geminadas. Com isso, Vauthier conseguiu uma variação na posição das entradas – frontal, lateral ou por trás – e certa privacidade e isolamento, além de permitir a “circulação do ar”. Algo que não seria possível em nenhum dos outros tipos discutidos por Cloquet, com exceção da casa isolada, que, possivelmente, teria custos de construção mais elevados.

A questão do isolamento, portanto, foi resolvida por Vauthier ao optar pela residências *accolées* ou geminadas duas a duas e pela existência de quintais nos fundos dos lotes – o que possibilitou a expansão e modificação das unidades, de acordo com as necessidades dos moradores, em uma solução que ainda aliou alguma economia de gastos em função da parede comum.

No que diz respeito à diversidade, para Cloquet (1900, p. 99) era

desejável que as habitações variassem em razão da diversidade de famílias e de seus diferentes costumes e necessidades. A prova de que um tipo uniforme de habitação não satisfaz as aspirações dos trabalhadores é encontrada na ‘Enquete sobre as condições de habitação na França’, realizada pelo Comitê de Trabalhos Históricos e Científicos.

Quanto à questão da identidade ou individualidade das moradias, escreve Cloquet (1900, p. 101) que “a uniformidade das residências de um conjunto operário é um defeito. Ela gera banalidade de aspecto e monotonia; imprimindo a característica da uniformidade, nega-se o direito à individualidade humana”. Disso resulta que “os conjuntos de moradias operárias bem realizadas deverão conter unidades diferenciadas em importância, com diferentes disposições em planta e aspecto variado”.

Nesse sentido, a Vila Belga parece seguir suas recomendações: variedade de tipos e tamanhos em planta e volumetria que, somada a disposição e modenatura diferenciada das aberturas, confere aspecto distinto as quarenta edificações geminadas.

Considerações finais

Uma das questões significativas que se pode levantar quando se discute as qualidades do conjunto operário da Vila Belga, tendo em vista o que foi exposto aqui, diz respeito às fontes utilizadas por seu projetista, na medida em que, ao que tudo indica, não se tratava de profissional com vasta experiência em construções civis. Nesse sentido, como foi mostrado, uma série de coincidências leva a relacionar a concepção do conjunto com determinadas recomendações sobre as habitações operárias realizadas por Louis Cloquet em seu tratado de arquitetura. Assim, finalmente, esta “análise comparativa” acaba lançando luz sobre a qualidade das duas obras – tratado e conjunto operário – e de seus criadores, que já apontavam, há um século atrás, para a necessidade de não segregar e conferir diversidade e identidade aos conjuntos residenciais construídos para trabalhadores.

Referências bibliográficas

BLAY, Eva. **Eu não tenho onde morar**. São Paulo: Nobel Editora, 1982.

CARVALHO, Maria C. de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: EDUSP, 1999.

CLOQUET, Louis. **Traité d'Architecture**. Paris/ Liège: Librairie Polytechnique/ Ch. Béranger Éd. 1898-1901.

GAP (Grupo de Arquitetura e Planejamento). **Habitação Popular: Inventário da Ação Governamental**. São Paulo: FINEP/Projeto, 1985.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do Ferro e Arquitetura Ferroviária em São Paulo: reflexões sobre sua preservação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

ROCHA, Ricardo. A Vila Belga e o Traité d'Architecture de Louis Cloquet. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, v. 3, p. 191-199, 2001.